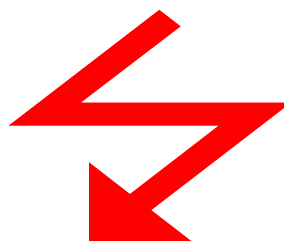


Mamografia: uma imagem pode valer uma vida



Em todo o mundo, são diagnosticados mais de 700 mil novos casos de câncer de mama. No Brasil, somente em 2003, surgiram 42 mil ocorrências, segundo estimativa do INCA – Instituto Nacional do Câncer. Desde 1930 a medicina busca alguma forma de aperfeiçoar o diagnóstico do câncer de mama. A partir de 1965, foi introduzido o primeiro equipamento dedicado a exames radiológicos de mama. Com o mamógrafo, o combate à doença ganhou um aliado de fundamental importância. E até hoje é o único método viável para detectar lesões mamárias, principalmente em pacientes assintomáticas com exame físico negativo. O diagnóstico, se correto, pode ser o início de uma batalha vitoriosa contra o câncer de mama.

Durante muitos séculos acreditou-se que a clínica era soberana. Este paradigma foi derrubado em parte com o advento da radiologia, particularmente quando se trata de caracterizar lesões pré-clínicas de mama. Aqui a imagem é soberana. Portanto, a responsabilidade dos radiologistas que atuam nesta área é muito grande.

Mas um grave problema abala o País. Temos no Brasil, atualmente, mais de 2.700 mamógrafos, uma média de um para cada 32 mil habitantes. Um dado alarmante é que mais de 60% não são submetidos a um controle de qualidade. Mamógrafos defasados significam imagens escuras e, conseqüentemente, dificuldade em



visualizar possíveis lesões existentes, colocando a saúde e muitas vezes a vida da paciente em risco, além do desconforto causado pela necessidade de repetir o exame. Uma lesão não identificada pode representar a perda de uma vida.

Atento a este difícil cenário brasileiro, o Colégio Brasileiro de Radiologia está promovendo o **Programa de Qualidade em Mamografia** para garantir a excelência no diagnóstico e no atendimento, avaliando as condições dos mamógrafos e dos serviços médicos. Uma comissão, composta por radiologistas e físicos, visita os serviços de mamografia para analisar as doses de radiação e a qualidade da imagem do equipamento.

Também são verificadas as características dos equipamentos e

dos materiais utilizados, assim como o funcionamento dos mamógrafos e a área física do estabelecimento. Só então a instituição médica recebe o Certificado e o Selo de Qualidade que, além de ser afixado em cada serviço, também constará no laudo médico.

Mesmo com a renovação do quadro de mamógrafos no País, muitas instituições médicas se recusam a submeter os aparelhos à avaliação. Um exame de mamografia custa, aproximadamente R\$240,00. Muitas empresas utilizam matéria-prima mais barata, reduzindo o preço do exame para atrair a população. Daí o desinteresse pela certificação, que muitas vezes envolve investimentos extras que atendam às exigências da qualificação. Assim, hoje de 2.700 serviços de mamografia, somente 340 possuem Selo de qualidade.

A qualificação não é obrigatória, entretanto existem três razões para motivar os mamografistas a obtê-la: ética, para a certeza de estar oferecendo imagens com qualidade diagnóstica, exigência da qualificação por parte das instituições credenciadoras e ainda a obtenção de um diferencial perante a concorrência.

A população também pode e deve ajudar nesta conquista. O paciente deve estar atento e cobrar o Selo de Qualidade nos postos de atendimento. Em média, 96% dos casos de câncer de mama diagnosticados precocemente são curados. Por outro lado, uma precipitação no diagnóstico pode levar a sérios prejuízos para a mulher, desde uma biópsia desnecessária até a mutilação da mama.

Se não houver uma conscientização tanto de médicos quanto de pacientes para valorizar a qualidade das mamografias, corremos o risco de vermos, ao longo dos próximos anos, um índice cada vez maior de câncer de mama no País.

Dr. Aldemir Humberto Soares é presidente do Colégio Brasileiro de Radiologia e Diagnóstico por Imagem